

O SENTIDO DA HERMENÊUTICA TALMÚDICA EM EMMANUEL LÉVINAS¹

THE SENSE OF TALMUDIC HERMENEUTICS IN EMMANUEL LEVINAS

Márcia Eliane Fernandes Tomé^()*

Parece-nos oportuno lembrar que as raízes da hermenêutica se fundam numa tradição tão antiga como a da filosofia, entretanto é a partir dos períodos moderno e contemporâneo que ela foi se definindo. Ela não se reduz somente à racionalidade filosófica e teológica, mas é, antes, multidisciplinar. Trata-se de mais do que um conjunto de princípios e normas lógicas para a busca da verdade, é um modo de enxergar a pessoa humana, o mundo e a transcendência divina (MELO, 2000, p. 184).

Contudo, queremos crer que a via hermenêutica apontada por Lévinas nos conduz à trilha da fenomenologia pós-husserliana, que se funda na intriga ética. A princípio ela se apresenta desconstrucionista, pois adota uma postura crítica em relação à filosofia, por ter se tornado um discurso da Totalidade do ser. Posteriormente, ela constitui-se construcionista de um discurso conciliador. Conforme explica Melo (2003), “a ética e a hermenêutica são concebidas como um discurso que é inspiração e testemunho, como sabedoria do amor e da justiça”. Por fim, a via hermenêutica no pensamento levinasiano é a busca do sentido, que revela a relação entre o leitor e o texto. Condição essa que identifica o texto com o Rosto do outro, que interpela, provoca e solicita do leitor uma resposta. “A solicitação seria uma relação eu-texto, que não resultaria numa apreensão conceitual totalizadora” (2003, p. 186).

É preciso ainda sublinhar que não há em Lévinas a intenção de um desenvolvimento filosófico de uma hermenêutica. “Ele tem uma concepção que

^(*) Docente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail:

¹ Comunicação apresentada no 23º Congresso Internacional da SOTER 2010 “Religiões e Paz Mundial”, realizado nos dias 12 a 15 de julho de 2010 na PUC Minas.

se faz presente nas suas leituras filosóficas do Talmude (MELO, 2003, p. 187). Entretanto, ele não desenvolveu sistematicamente uma teoria. Coube aos seus intérpretes encontrarem chaves de leituras interpretativas e por conseguinte a denominarem de Filosofia do Testemunho e da solicitação. Na interpretação de Melo,

O testemunho e a solicitação, segundo o nosso parecer, têm uma raiz comum nas leituras bíblico-talmúdicas. São duas chaves que abrem a mesma porta que dá acesso à mesma instância interpretativa. Ambas são precedidas pela relação ética e abrem-nos para o horizonte do entendimento que é a palavra, comunicação, pura linguagem (2003, p. 188)

Os pilares de sustentação do testemunho, como chave hermenêutica, se definem a partir da alteridade como exterioridade, da palavra viva e comunicante (relação entre educador e educando), como também da tradição da lei oral e da Lei escrita. São esses pilares que impedem o leitor de se apossar do texto que lê e que pretende interpretar. “O intérprete está diante de um testemunho” (MELO, 2003, p.188). O testemunho é o vestígio da alteridade, que se oferece sem se deixar apreender totalmente.

A pertinência do testemunho no pensamento levinasiano está no fato de ele me despertar para o que ele quer dizer. Ele vem de fora, é prescrição que mostra sua santidade e que exige de mim resposta sincera e coerente. Ele me convoca a uma busca do Dizer, nas entrelinhas do Dito.

Na interpretação do texto, a solicitação não está desvinculada do testemunho. A palavra de Deus enquanto signo, exterioridade que tem uma anterioridade, comanda, ordena e solicita. O texto que solicita a sua leitura é o mesmo que me ordena para interpretá-lo. Na solicitação como via de interpretação, o sentido como tal permanece suspenso e passa por uma ação que possui um duplo movimento: a princípio se dá no apelo que se faria ao conjunto do livro para a busca da compreensão de um versículo, posteriormente, se dá no isolamento de uma palavra ou de uma oração para auscultá-la. A solicitação enquanto ação interpretativa se realiza nos planos semiótico e semântico. Primeiramente a ação interpretativa se faz a partir dos signos, das palavras ou línguas; em seguida, a partir de frases, discursos ou textos. A interpretação tanto se realiza nos dois planos, simultaneamente ou sucessivamente, como num só dos planos.

A atenção dada a um texto, a uma frase, a uma palavra, pode parecer uma atomização literalista, um jogo de palavras, uma fragmentação do sentido. Mas, para além dessa aparência, essa atenção permite descolar o sentido filosófico elevado pela etimologia, desempoeirando a letra. (MELO, 2003, p.192)

Nessa perspectiva, o sentido se encontra além da escrita e da letra. Buscar o sentido na escrita não significa sacralizá-la, mas auscultá-la a partir do contexto semântico, libertando do imobilismo, do sacralismo e da cristalização, descobrindo nela o ensinamento, o sentido. A hermenêutica da solicitação é o resgate de uma leitura do Talmude isenta de problemas rituais, da linguagem religiosa e dos suportes teológicos. Dessa forma, segundo nosso filósofo, é possível revelar o sentido ético-profano do texto. Essa concepção da hermenêutica transforma o conceito de solicitação no conceito de solicitude, preocupação, serviço e responsabilidade pelo outro, é a aplicabilidade da palavra.

É preciso sublinhar que Lévinas é um pensador que se move entre duas tradições, a saber, Atenas e Jerusalém, grega e hebraica. O que não implica afirmar que ele venha a ser um pensador religioso. Em entrevista concedida a Poirié (2007, p. 105), ao ser questionado se seria um pensador religioso, ele responde que não, por não considerar as verdades da revelação adquirida de uma vez por todas como verdades que constituem a base de sua vida filosófica. Mas é religioso sim, quando considera a Bíblia essencial ao pensamento. Ele explica a Poirié (2007, p. 105) que:

Ao lado da filosofia grega, a qual promove o ato de conhecer como o ato espiritual por excelência, o homem é aquele que busca a verdade. A Bíblia nos ensina que o homem é aquele que ama seu próximo, e que o fato de amar seu próximo é uma modalidade da vida que é sentida ou pensada como tão fundamental – eu diria mais fundamental – quanto o conhecimento do objeto e quanto à verdade enquanto conhecimento de objetos.

O desejo de Lévinas de entender filosoficamente a sabedoria bíblica e o Talmude o conduz a uma dimensão hermenêutica que vai além do âmbito puramente filosófico. Ele faz do texto talmúdico o seu mestre: o caráter heterogêneo e peculiar desses textos frustra a racionalidade corrente da tradição. A escolha da leitura talmúdica como via hermenêutica deve-se a seu caráter ético, na qual o testemunho do a-Deus rompe todas as categorias conceituais e irrompe na imediatidade da vida, onde Deus é pensado pela via do outro homem, sem que o outro seja uma mediação, mas um modo de ser.

Conforme Chalier (1993, p. 19-35), Lévinas observa que toda a tradição ocidental se caracteriza por um certo desprezo pela Escritura, cala-se acerca

da relação do homem ao livro. Ora, o que guia a hermenêutica levinasiana é a sua leitura das Escrituras Sagradas do judaísmo. A Bíblia e os comentários talmúdicos são textos cujos conteúdos abrem novas perspectivas para salvar e ampliar a experiência e a prática da vida interior. Nesse aspecto, segundo o filósofo, haveria uma relação essencial entre o homem e o livro, uma referência ontológica do humano ao livro, mesmo porque este possibilita ultrapassar o “cuidado de si mesmo” e aproximar-se de outrem.

[...] ora, diz Lévinas, são os livros que ajudam essa vida a emergir dos limbos que a retém escrava, e que a fazem descobrir, no mais íntimo de si própria, a força de velar pela preocupação do humano, tanto nas horas tranqüilas como naquelas em que o ódio prevalece. [...] a vida interior [...] ela consiste em opor a infinita nudez da consciência moral à imundade ambiente. Esta interioridade não é um dado da natureza, ela alimenta-se de uma leitura de textos cujo sentido transcende os sofrimentos e manifesta-se igualmente na exterioridade, como podemos ver nos campos de concentração onde alguns, [...] souberam preservar a centelha do humano até ao último instante. (CHALIER, 1993, p. 24-25)

Nesse sentido, os livros evocam uma hermenêutica daquele que lê, pois como pensa nosso filósofo, o que se escreve nas almas é antes escrito nos livros, o humano no Ser começa lá.

Em *Quatro leituras talmúdicas*, Lévinas (2003) afirma que os textos talmúdicos não são apenas simples prolongamento da Bíblia, mas exibem uma segunda camada de significados: críticos e conscientes, retomam os significados da Escritura numa perspectiva espiritual e racional. A metodologia talmúdica retoma e recria continuamente o texto bíblico. Seu processo de investigação do sentido baseia-se nas intermináveis discussões, objeções e interpretações, o itinerário do sentido jamais se isolando ou encerrando em si mesmo. O ensinamento talmúdico, sempre novo, confronta-se com o mundo e revela-se somente àqueles que sabem descobrir “sob o aparente anacronismo das discussões rabínicas, a presença de um pensamento eterno que, conseqüentemente, incide sobre os problemas contemporâneos” (MELO, 2003, p. 166).

O encontro do filósofo com a literatura talmúdica se deu graças aos ensinamentos de Monsieur Chouchani (POIRIÉ, 2007, p. 118), que conduziram Lévinas a uma nova espiritualidade, momento em que buscou não só recuperar e aprofundar o sentido do humanismo judaico, como também lhe ensinou a não repetir o dogma, mas escutar e descobrir no livro uma via que conduz ao infinito.

No entendimento de Lévinas, o projeto filosófico ocidental não obteve sucesso na intenção de dar aos homens o sentido do humano no Ocidente - o

que denota a insuficiência do *logos* para afastar o niilismo; a racionalidade grega precisaria ser avivada pela fonte de sentido oriunda dos profetas, onde permanece desperta a promessa do acontecimento humano². Segundo Lévinas, a atenção extrema dada a esse livro – a Bíblia - permite a consciência despertar para o sentido do secreto que cada um carrega em si, a saber, o de uma vocação de santidade. Como o livro por excelência, ela guia os leitores para além daquilo que julgam saber, ela lhes proíbe toda a satisfação prematura e todo o descanso no ser. A Bíblia compõe-se de um Dizer inspirado que excede sempre a literalidade na qual ela se enlaça. Isso não quer dizer uma oposição à letra, mas à necessidade de interrogar a letra em que o espírito permanece. Nessa perspectiva, um livro diz-se inspirado quando, para além do seu querer-dizer, percebe-se nele um outro sentido possível e pleno de solicitude pela história presente. Para Lévinas, o poder-dizer da Bíblia supera sempre o seu querer-dizer. Na interpretação de Chalier (1993, p. 33):

Na reflexão de Lévinas, o judaísmo não aparece, portanto, como uma teologia e ainda menos como uma teosofia; quando ele encontra textos que, ao que parece, transmitem um saber acerca do mundo divino, tem a preocupação de mostrar aquilo que uma tal informação pode significar para o humano. Assim, por exemplo, ao ler um midrach, segundo o qual cada gota de chuva destinada a regar os sulcos dos campos é conduzida por dez mil anjos para poder chegar ao seu destino, ele recusa deixar-se comover por esta imagem e não retira dela nenhuma certeza acerca da existência dos anjos, mas a interpreta de maneira alegórica, chamando a atenção para o significado moral da imagem.

A leitura que Lévinas faz do Talmude possui um caráter inovador. Ele busca descobrir, por detrás do sentido aparentemente explícito, o espírito das letras, das palavras, fugindo do dogmatismo e do aprisionamento do sentido. Ele se opõe aos métodos históricos e estruturalistas de leitura dos textos que, segundo ele, deixam a desejar, por ficarem presos a condicionamentos apriorísticos de interpretação. Para ele, o sentido se encontra além daquele que é inferido dentro da lingüística, é o não-dito, essencial. Em *Quatro leituras talmúdicas* (2003, p. 217) ele afirma que “o espírito jamais dá autorização à letra que lhe revela. Ao contrário, o espírito desperta na letra novas possibilidades de sugestões”. Uma palavra não só conduz à outra, mas solicita outra, e assim, liberta o sentido. Desse modo, a hermenêutica talmúdica possibilita a libertação

² Conforme Chalier (1993, p. 27-28), “Lévinas não pretende conciliar as duas sabedorias, mas julga indispensável fazer obra e filósofo, porque o *logos* permanece, a seu ver, o intermediário universal de toda a compreensão racional (DL, p. 230). Todavia, esforça-se por fazer passar neste Dito grego da filosofia um sopro único procedente da tradição hebraica a que ele chama o Dizer”.

da linguagem das cadeias da objetivação da experiência religiosa pela teologia e revela o sentido ético/profano.

Na compreensão talmúdica, a relação que se estabelece entre o mestre e o discípulo difere da relação mestre-discípulo de Sócrates. Na sabedoria talmúdica, o mestre ensina o discípulo a buscar os mistérios da transcendência. A posição do leitor é de quem escuta e confia na sabedoria do seu mestre e é capaz de receber a ideia que vem do outro, que vem da ordem do Infinito. O sábio é aquele que se põe a caminho e se mantém no vestígio da significação, da exterioridade da revelação que é linguagem³. Romper com as cadeias do cogito e deixar-se interpelar pela sabedoria do outro faz parte do processo que busca o espírito da letra. “Lévinas franqueia novos caminhos do pensamento” (CHALIER, 1993, p. 39). Nesses, hebraísmo e filosofia se cruzam. Ele se põe à escuta do verbo inspirado dos profetas e das palavras dos mestres do Talmude, que não contraria nele a sabedoria grega⁴.

A reflexão da Torah aponta, consoante Lévinas, para essa relação, para a solicitação do outro; o pensamento filosófico apontaria para a anterioridade de um sujeito “que tem a sua origem fora dele, no ato da substituição do eu pelo Outro” (MELO, 2003, p. 182). Aqui se encontra a raiz da ipseidade e a base da interpretação talmúdico-filosófica levinasiana. Bucks (1997, p. 192) observa que em Lévinas,

[...] Para captar a insinuação do dizer enigmático é preciso uma subjetividade “parceira do Enigma”, que interpreta o dizer não como comunicação de Verdades neutras e universais, mas como intimação que lhe foi dirigida. Deus, que deixou os traços de sua transcendência nas Escrituras Sagradas, depende, para sua vinda à terra, da interpretação daqueles que lêem, interpretam e comentam esses textos.

Segundo Bucks (1997, p. 192) Lévinas, em *Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger*, afirma que, intimada a comparecer, convocada a uma responsabilidade incessante, a subjetividade se transforma em parceiro do Enigma e da transcendência que desarruma o ser. A interpretação da Escritura não se estrutura como um processo solitário. A relação que se estabelece entre texto e leitor que se abre para a interpretação, possibilita uma multiplicidade de vozes. Os doutores do Talmude discutem com mestres anteriores e com seus dis-

³ Conforme Bucks (1997, p. 189), em Lévinas “a linguagem indica além das próprias intenções do próprio locutor. O ‘poder dizer’ da linguagem ultrapassa seu ‘querer dizer’, porque originariamente nasce do novo compromisso com o outro para além do ser”.

⁴ Ler a respeito dessa questão em CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. 1993, p. 35-41.

cíbulos, conscientes que o significado da Escritura ultrapassa o sentido óbvio do texto e que nela há um excedente de sentido, escondido nas letras, que pode ser descoberto (BUCKS, 1997, p. 194). O Talmude se aproxima da mentalidade contemporânea por elaborar a mensagem bíblica num espírito racional.

Na reflexão de Fabri (1997, p. 138), o judaísmo em Lévinas trata da vida dedicada à inteligência e ao estudo,

[...] Nos comentários do Talmude, não há lugar para o entusiasmo religioso, [...], mas hermenêutica rigorosa e interrupta à procura de um simples sentido que se pode colher paulatinamente. Em outras palavras, o texto pode conter mais do que ele contém, pois o versículo já indica um “au-delà” do versículo.

Na introdução de *Quatro leituras talmúdicas*, Lévinas argumenta que, malgrada antiguidade do Talmude e devido à continuidade de seu estudo, pertence ainda à história moderna do judaísmo. Aí reside a originalidade do judaísmo, pois que trata da existência de uma tradição que se define por estar ligada à atualidade e à compreensão da contemporaneidade, de forma imediata. Essa tradição ininterrupta se realiza através da transmissão e do comentário dos textos talmúdicos, “os comentários cavalgando os próprios comentários” (LÉVINAS, 2003, p. 19).

Por fim, a hermenêutica levinasiana se apresenta como busca do sentido, “o processo de leitura converte-se em hermenêutica cuja solicitação indica que o sentido do texto nunca se esgota, pois um não-dito sempre permanece sob a letra” (FABRI, 1997, p. 139). A hermenêutica talmúdica refere-se a uma interpretação sempre pronta a recomeçar. A solicitação como via e interpretação apóia-se sobre a escrita do texto, libertando o seu significado e as suas significações.

Nesse sentido, a hermenêutica estrutura-se como pensamento que se oferece e se diz ao outro para ajudá-lo concretamente, o conceito de solicitação é transformado em conceito ético de solicitude, em preocupação e serviço pelo outro. Aqui a palavra não fica solta no ar, mas é aplicada, o outro necessita tanto de pão quanto de sentido. A solicitude constitui-se um modo de ser *autrement*, o testemunho da solicitude incomoda, perturba uma sociedade e uma religião voltada ao individualismo.

O intérprete está diante de um testemunho, diante de um livro. A grandeza do testemunho está no fato de ele me despertar para o que ele quer dizer. Ele vem de fora, é o vestígio da alteridade que se oferece sem se deixar apreender totalmente. O texto é um modo de ser que me solicita: interprete-me sem aprisionar meu sentido. A hermenêutica levinasiana constitui-se de

três elementos importantes: o sentido-texto, o ser do leitor e a interpretação. A intuição de Lévinas a partir da interpretação hermenêutica talmúdica quer mostrar que esta não se encerra numa visão puramente abstrata de Deus, do homem e do mundo. O Talmude torna possível a compreensão da vida e das relações humanas para além da teórica totalitária da ideologização do saber.

A hermenêutica levinasiana se inscreve como ética, plena de uma abertura ao outro, cheia de solicitude. A posição do intérprete como leitor diante do livro é de estar diante de uma vontade que lhe pede uma resposta, diante da glória do infinito, diante de uma sabedoria que o implica e lhe exige responsabilidade. Ela não é uma interpretação cômoda, ela se constitui como ética, é abertura ao infinito do outro, indica uma relação eu-texto fundado no imperativo ético da responsabilidade. Para Lévinas, o Talmude, “a santidade do texto é imediatamente voltada à ética do respeito à vida, ao diálogo, à acolhida do próximo” (MELO, 2003, p. 196). Lévinas irá constatar que essa inspiração e esse testemunho ético, do Talmude, é o humanismo do outro homem, verdadeira religião.

REFERÊNCIAS

- BUCKS, René. *A Bíblia e a ética: a relação entre a filosofia e a Sagrada Escritura na obra de Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Loyola, 1997.
- CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- FABRI, Marcelo. *Desencantando a Ontologia: subjetividade e sentido ético em Lévinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- MELO, Nélvio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. São Paulo: Perspectivas, 2007.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Quatro leituras talmúdicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003b.
- _____. *Deus, a Morte e o Tempo*. Coimbra: Almedina, 2003a.
- _____. *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1967.
- _____. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

Recebido em 20/05/2010
Aprovado em 05/06/2010